

**Símbolos do Sangue: a vivência da menarca segundo adolescentes e sua relação
com a desigualdade de gênero**

***Eixo Temático 27 - O Corpo e os Efeitos das Práticas para Além dos
Órgãos***

Letícia Santos Ferreira ¹
Bruna Mendes de Vasconcelos ²

RESUMO

Este projeto se propõe a investigar a experiência da menarca relatada por adolescentes e identificar possíveis relações entre as vivências e a desigualdade de gênero. Aliam-se os campos de conhecimento da psicologia e estudos feministas. A revisão de literatura mostra que, no Brasil, a menarca é vivida com medo, vergonha e desconhecimento, sendo associada à maturidade sexual. O acesso à informação é insuficiente, os atendimentos de saúde insatisfatórios, o absenteísmo escolar é elevado e as consequências para a autoestima são pouco exploradas. Optou-se por pesquisa qualitativa com grupos focais com adolescentes do ensino médio. A partir da pergunta disparadora “como foi ou está sendo a sua menarca?” objetiva-se entender os sentidos e significados atribuídos pelas participantes à menarca.

Palavras-chave: Menarca; Menstruação; Adolescência; Gênero; Identidade.

INTRODUÇÃO

A menstruação tem sido desqualificada pelo discurso médico e pela ausência de atenção pública às necessidades de quem menstrua. O impacto que viver em uma sociedade que invisibiliza a menstruação tem sobre a subjetividade de quem menstrua foi pouco estudado na psicologia. No entanto, esse assunto é importante nos processos de subjetivação e socialização. Esse fator, compondo com outras violências concretas e

¹ Mestranda do Curso de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de ABC - UFABC, ferreira.leticia@ufabc.edu.br;

² Professora orientadora: Doutora e Mestre em Política Científica e Tecnológica pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Mestre em Gênero e Política de Igualdade pela Universidade de Valencia (Espanha); Professora da Universidade Federal do ABC - UFABC, bruna.mendes@ufabc.edu.br.

simbólicas vindas da desigualdade de gênero, pode gerar a sensação de “cidadã de segunda classe”: uma parcela da população cujas questões são apagadas em prol da continuidade de um sistema econômico e social que visa o lucro e a exploração.

Por essas informações coletadas na construção teórica, os objetivos gerais consistem em investigar a experiência da menarca relatada por adolescentes e identificar possíveis relações entre suas vivências e a desigualdade de gênero. Nos objetivos específicos, pretende-se compreender as mudanças que as jovens relatam a partir da menarca, compreender como lidam com tais mudanças e realizar uma leitura de perspectiva feminista sobre a experiência menstrual das jovens em sua intersecção com a desigualdade de gênero. O método consiste em leitura crítica dos dados coletados por meio de produções textuais e gráficas feitas por adolescentes cursando o ensino médio em grupos focais com a temática da menstruação. A justificativa do trabalho é sua relevância social ao desconstruir narrativas sobre menstruação e fortalecer novos discursos desde um ponto de vista crítico e feminista, se somando a outras produções que tiraram do âmbito exclusivamente pessoal fenômenos sobre os quais recai intensa carga histórica, cultural e política.

Os capítulos teóricos abarcarão o conceito de menarca e menstruação na história da medicina e na atualidade, os tabus menstruais e a desigualdade de gênero, os impactos subjetivos da vivência menstrual estigmatizada e novas narrativas menstruais, recorrendo a autoras como Emily Martin, Londa Schiebinger, Fabíola Rohden, Thomas Laqueur, Evelyn Fox Keller (dada sua contribuição para a epistemologia feminista e crítica à visão da ciência sobre o corpo das mulheres), Valeska Zanello, Grada Kilomba e Frantz Fanon, que argumentam pela desconstrução de pressupostos clássicos em psicologia, gerando conhecimento contextualizado sócio-historicamente.

Algumas discussões principais são pretendidas: a escolha do público adolescente, a linguagem das produções acadêmicas no tema e seus impactos sobre as subjetividades e as possibilidades de novos discursos sobre a menstruação.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Trata-se de pesquisa qualitativa com formação de dois grupos de até 10 participantes cada, com duração de 3 a 4 encontros de 2h cada em uma instituição escolar co-participante. A partir da pergunta disparadora “como foi ou está sendo a sua menarca?”, objetiva-se entender os sentidos e significados atribuídos pelas participantes a esse fenômeno. A cada encontro, haverá atividades individuais e reflexivas seguidas de dinâmicas grupais, gerando materiais gráficos e textuais produzidos pelas participantes, propiciando a análise. A pesquisadora produzirá relatos escritos para compilar objetivamente os acontecimentos dos grupos e suas impressões pessoais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Historicamente, a menstruação foi listada como um dos aspectos da fisiologia feminina responsáveis pela volatilidade de humor das mulheres, por alterações de comportamentos sexuais e perturbações morais e psíquicas (ROHDEN, 2001; LAQUEUR, 2001; MARTIN, 2006). Ao mesmo tempo em que se configurava como acontecimento misterioso e perigoso, a menstruação estava ligada a uma importante função social das mulheres, a reprodução. No entanto, a justificativa para sua relevância não foi construída como diretamente econômica ou social, mas sim como natural (ROHDEN, 2001; LAQUEUR, 2001; MARTIN, 2006). Tal perspectiva foi criticada por uma corrente de feministas por acarretar consequências nocivas às mulheres, desconsiderando a influência do contexto sócio-histórico sobre as produções científicas. Não se trata apenas de entender como se organiza cada sociedade, ou como se organizou em determinado momento histórico, mas sobretudo pensar a manipulação que cada sociedade faz das categorias centrais para sua organização, já que os valores em torno do gênero sustentam práticas e intervenções corporais (BELL, 1995; KELLER e LONGINO, 1996; SARDENBERG, 2001; SCHIEBINGER, 2001; KELLER, 2006; MARTIN, 2006). As explicações para a ocorrência da menstruação e da menarca foram levantadas e analisadas em diferentes contextos por Laqueur (2001), Rohden (2001) e Martin (2006) em produções que dialogam e demonstram que as metáforas usadas pela

medicina para tratar deste assunto dizem respeito a necessidades econômicas de garantir a efetividade do trabalho reprodutivo.

Conforme, Martin (2006), discorrendo sobre uma dessas metáforas, a imagem do fracasso (não gravidez) é construída por meio de palavras avaliativas como *degeneração, deterioração e perda* em oposição às usadas para descrever a gametogênese masculina nos livros didáticos de medicina (*extraordinária, incomparável magnitude*). Através desse processo, comportamentos culturais não reconhecidos podem adentrar o discurso médico supostamente neutro e gerar impactos sobre a imagem social e a autoimagem de pessoas que menstruam. Rohden (2001) argumenta que a invisibilização da carga cultural, econômica e sócio-histórica no discurso médico está vinculada não apenas à ideia de neutralidade da ciência, mas também à autoridade médica construída no Brasil a partir do século XIX.

Em suma, na história da medicina, as produções acadêmicas correspondem frequentemente ao debate sobre o papel socialmente adequado para homens e mulheres, de modo que, por vezes sem que os próprios intelectuais estejam conscientes disso, o léxico utilizado para descrição de processos fisiológicos e estruturas anatômicas tem caráter sexista e as repercussões de seus trabalhos endossam a desigualdade de gênero estruturalmente definida. É nesse sentido que o impacto do movimento feminista, sobretudo da segunda onda, contribuiu para mudanças na ciência, sendo propulsor de mudanças sociais abrangentes, que permitiram que as questões da mulher fossem postas em pauta e que elas ocupassem lugares relevantes academicamente e produzissem conhecimento em um contexto razoavelmente mais receptivo (SCHIEBINGER, 2001).

O levantamento preliminar de pesquisas publicadas entre 2015 e 2019 com os indexadores *menarca, psicologia, psicanálise, adolescência, dismenorreia, autoimagem e qualidade de vida* resulta em 284 estudos, excluídos os duplos. A maioria das investigações na área versam sobre doenças do “sistema reprodutor feminino”, conexão da menarca com outros aspectos físicos, desempenho de meninas menárquicas em esportes e testes de medicamentos, técnicas cirúrgicas e tratamentos “alternativos”. Na contramão, 7 estudos dizem respeito a aspectos subjetivos e relacionais das adolescentes perceptíveis por meio de suas narrativas e análise do ponto de vista psicológico e de qualidade de vida. São pesquisas da América Latina, 3 delas do Brasil.

Elas mostram que, no país, a menarca e a menstruação são vividas com medo, vergonha e desconhecimento, sendo comum a associação com o término da infância e o início da maturidade sexual, o que acarreta sofrimento e coloca em risco a integridade e a segurança das meninas, que podem ser submetidas a práticas sexuais precoces (BRETAS *et al.*, 2012; DIÓGENES *et al.*, 2000). Poucas têm acesso a informações suficientes para sentir-se tranquilas, acolhidas e satisfeitas em suas necessidades práticas e afetivas. Ainda que tenham aulas de educação sexual, os conteúdos dizem mais respeito a higiene, “sistema reprodutor” e risco de gravidez precoce do que às experiências e percepções das jovens, que sentem-se insatisfeitas com as consultas ginecológicas, reivindicando mais tempo, atenção e paciência dos profissionais nos serviços de saúde (PEREIRA *et al.*, 2013). Além disso, o índice de absenteísmo escolar no Brasil é alto devido à falta de acesso a absorventes, aos incômodos físicos e, sobretudo, a alterações nem sempre necessárias nas relações sociais das meninas, em seus hábitos alimentares e de vestimenta.

Sommer (2015) aponta que as consequências desse início negativo dos períodos menstruais podem gerar baixa autoestima nas meninas e prejudicá-las no decorrer de suas vidas por não conseguirem afirmar a si mesmas em diversas situações sociais. Além disso, a falta de informação e apoio prático e emocional nesse período crítico da maturação faz com que iniciativas de educação sexual e planejamento familiar destinados a faixas etárias mais velhas tenham certa dificuldade de ser aceitos. Em consonância com os outros estudos recentes, a autora afirma que é fundamental que a comunidade de saúde global elabore um protocolo de atuação em saúde para educação e suporte total às necessidades das jovens (a partir dos 10 anos de idade) no período da menarca e precedente a ele, garantindo espaços acolhedores em que se constroem narrativas menstruais positivas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A forma de análise dos dados será por categorias de sentido levantadas a partir das produções gráficas e textuais de participantes dos grupos e a discussão será pela relação entre as categorias de sentido e o referencial teórico. A pesquisa está em fase teórica, não sendo possível expor resultados empíricos. No entanto, os resultados esperados

tendem a indicar uma vivência de menarca e menstruação relacionada com dor e vergonha, bem como alterações na vida das participantes em diversos campos, como alimentação, vestimenta e, sobretudo, auto imagem e relações sociais, demonstrando o efeito do discurso médico e social sobre a menstruação para além dos órgãos.

Levantam-se três discussões teóricas. A escolha do público é norteadada pela hipótese de que é no período de ocorrência da menarca que as pessoas que menstruam passam a ser cobradas pela execução do seu papel social, a reprodução. É nesse período que mudanças físicas são usadas como justificativas para alocação de corpos em postos de trabalho sociais, que interdita outras possibilidades. Por isso, algumas questões que norteiam este trabalho são: como as jovens vivem a menarca? O que podem fazer depois que menstruam? E o que não podem? Quais mudanças observam em si e no entorno? Com quem ou onde conseguem informações sobre o assunto? Se sentem acolhidas?

A segunda discussão é a linguagem adotada pelas produções acadêmicas da medicina e seus impactos subjetivos. A linguagem adotada nomeia o conjunto vulva, vagina, útero, trompas e ovários como “aparelho reprodutor feminino”. Esse nome contribui para a construção de uma existência simbólica objetificada e voltada exclusivamente para a reprodução. Nomear órgãos dessa forma reforça a objetificação e a mercantilização dos corpos menstruantes. Ao longo da história da medicina, as narrativas biológicas hegemônicas feriram os corpos das mulheres e as obrigaram a uma única possibilidade de existência social e simbólica, a maternidade e, conforme consideram tais estudos, a heterossexualidade, ignorando outras dimensões. Para desconstruir essas narrativas a expressão órgãos sexuais femininos é uma tentativa de humanizar os corpos que foram e são mutilados física e simbolicamente. Além disso, traz as dimensões da sexualidade e do prazer, retirando da nomenclatura a imposição reprodutora e heteronormativa. A palavra feminino segue como uma imprecisão, já que vulva, vagina, útero, trompas e ovários não são órgãos sexuais apenas de corpos lidos socialmente como femininos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O olhar da medicina para a menstruação se propôs a ser “neutro” e considerar apenas a dita organicidade do corpo. Ainda hoje, a maior parte das pesquisas sobre

menstruação se refere ao tema como puramente orgânico. Ficam de lado as afetações sociais, políticas e econômicas infiltradas no discurso e que constroem dialeticamente com ele a noção de “corpo feminino” a partir da qual muitas pessoas subjetivam-se e passam a ver a si mesmas como dotadas de um papel social específico. Nesse sentido, a psicóloga social Valeska Zanella (2018) tem contribuições sobre os processos de subjetivação das mulheres através dos dispositivos amoroso e materno, por meio dos quais sentimentos e sensações seriam gradualmente ensinados como corretos e naturais para as mulheres, ainda que estejam mais relacionados a dinâmicas sociais do que à organicidade ou com algum tipo de “essencialismo psíquico”. Por fim, uma discussão importante para o tema é a questão da transsexualidade. Este trabalho se refere a mulheres cis e essa escolha não abarca as experiências trans, criando uma lacuna significativa para futuros estudos.

REFERÊNCIAS

- BELL, S. E. Gendered Medical Science: Producing a Drug for Women. In: *Feminist Studies*, Vol. 21, No. 3 (Autumn, 1995), pp. 469-500.
- BRÊTAS, J. R. da S. et al. Significado da Menarca Segundo Adolescentes. *Acta Paulista de Enfermagem*. São Paulo, v. 25, n. 2, p. 249-255, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ape/a/5Qy4wVLFR8BZ6GgrwPqb5mL/?lang=pt>>. Acesso em: 23/8/2021.
- DIÓGENES, M. A. R. Dismenorreia: a vivência expressa por adolescentes. *Cogitare Enfermagem*, Curitiba, v.5, n.2, p.15-21, jul./dez. 2000. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/44879>>. Acesso em: 23/8/2021.
- FREITAS, L.V. *Grupos vivenciais sob uma perspectiva junguiana*. Psicologia USP: dossiê: Carl Gustav Jung e outros trabalhos, São Paulo, USP-IP, v.16, n.3, p.45-69, 2005a. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/pusp/a/6BZ6k6Whgrvsvy4YwTCR533j/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 23/8/2021.
- KELLER, E. F. Qual foi o impacto do feminismo na ciência? In: *Cadernos pagu* (27), julho-dezembro de 2006: pp.13-34.
- KELLER, E. F., LONGINO (orgs.) *Feminism and Science - Oxford Readings in Feminism*. Oxford University Press, 1996.
- LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- LUDKE, M., ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U, 1986.

MARTIN, E. *A mulher no corpo: uma análise cultural da reprodução*. Rio de Janeiro: Garamond Editora, 2006.

PEREIRA, M. P de, TAQUETTE, S. R., PÉREZ, M de A. Consulta Ginecológica sob a ótica de estudantes do Rio de Janeiro, RJ. In: *Revista Saúde Pública*, vol 47(1), pp. 2-10, 2013. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/rsp/a/DjpDpmZnKzCq5whV3Kt7L7P/?lang=pt>>. Acesso em: 23/8/2021.

SARDENBERG, C. M. B., Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista? In: X Encontro da REDOR. NEIM/UFBA, Salvador, 29 de outubro a 1 de novembro de 2001.

SCHIEBINGER. L. *O feminismo mudou a ciência?* São Paulo: EDUSC, 2001.

SOMMER, M., SUTHERLAND, C, CHANDRA-MOULI, V. Putting menarche and girls into the global population health agenda. *Reproductive Health*, p.12-24, 2015.

ZANELLO, W. *Saúde mental, Gênero e Dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018.